

Notas sobre a recepção de Nietzsche no Brasil Lebrun e os operadores teóricos

Ivo da Silva Júnior*

Resumo: Visa-se neste artigo a examinar a interpretação de Lebrun do pensamento de Nietzsche. Para uma primeira abordagem, trabalha-se criticamente o texto “Além-do-homem e homem total”, que bem deixa ver os contornos que Lebrun deu à filosofia nietzschiana.

Palavras-chave: Nietzsche – recepção – além-do-homem – socialismo - Lebrun

A recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil é ainda um capítulo que precisa ser devidamente estudado. Um primeiro e grande passo nesta direção foi o texto “Nietzsche e a cena brasileira”, de Scarlett Marton, que traz inúmeras peças desse mosaico a se construir¹. Um dos capítulos dessa recepção – embora periférico do ponto de vista da pesquisa Nietzsche, mas de monta quanto ao seu

*Professor da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, Brasil. E-mail: isjunior@unifesp.br.

1 Ver MARTON, S. “Nietzsche e a cena brasileira”. In: *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/Ed. da Unijuf, 2001, p. 253-260; “Nietzsche in Brasilien. In: *Nietzsche-Studien*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000, v. 29, p.369-376. Nesta mesma direção, ver “A terceira margem da interpretação”. In: *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*, p.213-251.

alvo - gira em torno da figura de Gérard Lebrun que, na trilha do que ocorrera na França nos anos setenta, fez não um comentário, mas um “uso” *suis generis* do pensamento de Nietzsche aqui no Brasil².

A maneira lebruniana de trabalhar a filosofia de Nietzsche, de algum modo, flertava com a caixa de ferramentas de Foucault, embora não se confundisse com ela. Não se tratava de pensar a partir de Nietzsche ou com ele as questões da contemporaneidade. Tratava-se de *avaliar* os tempos atuais por meio da História da filosofia. Nada mais indicado então que a filosofia de Nietzsche para fornecer os “instrumentos” para esse trabalho avaliativo, embora Lebrun afirmasse no final do prefácio de *O avesso da dialética – Hegel à luz de Nietzsche*, que tinha se dado conta ao finalizar este livro que outros filósofos também teriam sido “úteis” para uma empreitada avaliativa da filosofia de Hegel e, por extensão, dando a entender, de qualquer outro sistema filosófico³.

De certa maneira próximo, pelo menos na forma, do procedimento weberiano, Lebrun tinha os principais conceitos da filosofia nietzschiana (aqueles elencados por Heidegger como sendo os centrais, diga-se de passagem) como operadores ou analisadores teóricos, que o permitiriam fazer a justa avaliação dos mais diversos discursos filosóficos, em particular – conforme a sua preferência - os de esquerda.

2 Os trabalhos de Gérard Lebrun em que Nietzsche é o pensador estudado ou “utilizado” são: “A dialética pacificadora” (In: *Almanaque*, n.3, São Paulo: Brasiliense, 1977, p.24-42), “Surhomme et homme total” (In: *Manuscrito*, v. II, n.1, p.31-58, ou na tradução: “Além-do-homem e homem total” (Trad. Maria Lúcia M. O. Cacciola. In: *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosacnaify, 2006, p.169-198); Por que ler Nietzsche, hoje? (In: *Passeios ao léu*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 32-40), “Quem era Dioniso” (Trad. Maria Heloísa Noronha Barros. In: *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosacnaify, 2006, p.355-378), “A grande suspeita”. In: *O avesso da dialética*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p.113-116 e o livro *Passeios ao léu* (Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1983), que é, de uma forma ampla, um bom exemplo de como análises, as mais diversas, são feitas à luz de Nietzsche.

3 LEBRUN, G. *O avesso da dialética- Hegel da luz de Nietzsche*, p.17.

Antes de tudo, faz-se mister deter-se nesta função “operador” que os conceitos podem ser revestidos segundo Lebrun. O operador ou analisador teórico caminhava em mão única, permitindo apenas a “crítica”, jamais indicando uma direção a ser seguida. Qualquer proposição já levaria a uma doutrinação, que deve ser evitada a todo custo. Noutros termos, o operador deveria isto sim neutralizar qualquer “lastro doutrinário de um sistema – como se exigia na escola do método estrutural -, transformando o sistema assim expurgado numa ‘grade hermenêutica’ destinada a comentar”⁴. Fora de um tempo e espaço determinados, o operador – também neutro – era uma ferramenta isenta de qualquer contaminação ideológica, não podendo, por razões óbvias, ser analisado. Daí não haver risco algum em utilizá-lo; daí a sua eficácia. “Ora, é por este viés [o da análise]”, diz Lebrun, “que a abordagem nietzschiana das representações ideológicas pode revelar-se vantajosa para uma história ‘técnica’ da filosofia”⁵. Ora, poder-se-ia acrescentar que esse procedimento acompanhava perfeitamente os métodos de leitura estrutural, embora ousasse dar um passo além ao operar avaliações. Ainda mais, estava em perfeita sintonia com as filosofias pós-estruturalistas que não faziam cerimônia na desconstrução de discursos progressistas. Em suma, metodologia de trabalho que funcionava em duas direções, com um único resultado, agora com o consentimento e assentimento involuntário da filosofia nietzschiana. Eis o engenhoso procedimento de Lebrun.

Retomando: fazer os conceitos operarem com o fito de se analisar um discurso ou estado de coisas era o que caracterizou esta etapa da recepção da filosofia nietzschiana que se inaugura com Lebrun. Mais ainda: esse “uso” passou a autorizar outra maneira

4 ARANTES, P. Ideias ao léu. Uma digressão a propósito de “O avesso da dialética”. In: *Novos estudos CEBRAP*, no. 25, 1989, p. 71. O autor não deixa de observar como Lebrun foi ousado, pois teria extrapolado o que “mesmo o método prudentemente inibia” (idem, ibidem), avaliando e “julgando”.

5 LEBRUN, G. *O avesso da dialética – Hegel à luz de Nietzsche*, p.166.

de trabalhar a História da filosofia - embora para poucos, dada a complexidade e os ricos – calcada na última moda intelectual francesa, devidamente respaldada no recém realinhamento ideológico e econômico com os americanos⁶.

O melhor exemplo dessa ordem de trabalho de Lebrun, porque explícito, tanto no que tange ao assunto – a ideologia marxiana e o socialismo em sentido amplo em contraposição a um mundo sem nenhuma amarra totalizante ou a uma vida segura -, quanto no que diz respeito à aplicação – o operador teórico em pleno ato -, é o texto “Além-do-homem e homem total”⁷. Que se acompanhe em certa medida a argumentação do autor, sempre tirando as consequências ou as inconsequências, com o objetivo de bem delimitar esse Nietzsche lebruniano que em parte fez escola no Brasil. Ainda mais: para ver, em pleno ato, os desdobramentos “ideológicos” do procedimento de Lebrun.

Em “Além-do-homem e homem total”, Lebrun se propõe a analisar a partir do conceito de além-do-homem aquilo que Nietzsche designava como as “ideias modernas”, ou seja, aquelas ideias que eram tidas pelo campo do pensamento de esquerda, mas não só, como as ideias progressistas do século XIX, que, em parte, tiveram como proveniência os ingleses. Ao realizar esta análise, o conceito de além-do-homem poria em evidência a decadência do mundo contemporâneo a Nietzsche, patrocinada em grande parte pelo socialismo. Note-se que, o liberalismo em curso, que o filósofo entendia também contribuir para o estado decadencial de sua época

6 A respeito da “ideologia francesa”, ver ARANTES, P. “Tentativa de identificação da ideologia francesa”. In: *Novos Estudos*, n.28, São Paulo, CEBRAP, 1990, p. 74-98.

7 LEBRUN, G. *Surhomme et homme total*, *ibidem*; na tradução que se utiliza aqui: “Além-do-homem e homem total”, *Ibidem*. Com trabalhos que serviram de modelos para gerações, os “usos” que Lebrun fazia da filosofia de Nietzsche poderia indicar que muitos de seus textos visavam apenas a mostrar o *arrière fonds* de outras filosofias ou ser provocador. No primeiro caso, daria um passo além do mero comentário, que, aliás, seguia bem de perto; no segundo, contribuiria para trazer outro ponto de vista, uma nova perspectiva.

(cf. CI/GD, KSA 6.139-140, O meu conceito de liberdade, 38), não entrava em linha de conta nesse processo avaliativo do operador além-do-homem que Lebrun procurava levar a bom termo.

Na questão presente, não há nada mais indicado (nenhuma opção de Lebrun é inocente), como se pode verificar, que recorrer ao além-do-homem como operador teórico, pois, segundo o autor, ele não devia ser colocado numa chave ideológica, mas deve ser compreendido como uma “parábola” (como, aliás, Nietzsche mesmo o havia caracterizado)⁸. Lançando mão desse conceito protegido por um fosso circundante, o operador ou analisador teórico já trazia a primeira indicação que colocaria no devido lugar o homem total marxista e, por extensão, o marxismo.

Fica claro no texto, e de imediato, que, se a perspectiva do além-do-homem é a civilizacional, a do homem total é o da sociedade mais comezinha. Não por outra razão, segundo os “comentários” de Lebrun, a única possibilidade de surgimento do além-do-homem é o adestramento de “uma ‘raça’ cujos espécimes, até o presente, surgiram de maneira dispersa”⁹. Esse adestramento, corporal e espiritual, deveria assentar-se sobre a *Bildung*. Sistemático e desejado, o adestramento - de uma “raça” mais potente permitiria o surgimento de grandes homens não mais de forma episódica como ocorria. Ou seja, a humanidade devia buscar meios para que este novo homem surtisse não mais ao acaso; a humanidade devia contribuir – embora não se soubesse como e por quais razões – para o aparecimento daqueles que poderiam redimi-la¹⁰. E isso só ocorreria se uma disciplina, um verdadeiro adestramento, fosse praticado. Ainda mais, a elevação a um tipo superior dependeria de todo

8 *Idem*, Além-do-homem e homem total, p.170.

9 *Ibidem*. O importante trabalho de selecionar trechos das obras completas para a publicação de um volume das obras incompletas para a coleção “Os Pensadores” foi apenas um primeiro passo do Nietzsche lebruniano. A seleção feita não deixava de ser o material com o qual Lebrun alinhavaria a sua interpretação de Nietzsche, ou melhor, não deixava de trazer os textos com os quais o “uso” se faria.

10 *Idem, ibidem*, p.171.

o capital de forças acumulado, não bastando os sacrifícios de um homem para se tornar grande. Para tanto, seria preciso que tivesse havido a transferência de força do sacrifício de seus ascendentes para que, com todo esse acúmulo, um homem pudesse ser grande. Formação esta que, como fica evidente, não ocorreria de forma miraculosa ou acometeria ocasionalmente um homem¹¹.

Como se vê, o além-do-homem ganhava seus contornos não a partir de um local e tempo determinados, mas de uma hipotética civilização. Afinal, assim devem ser todos os operadores, uma mera possibilidade. Daí, aliás, a importância da perspectiva civilizacional, isto é, de se localizar espacial e temporalmente alhures. Não deixa, no entanto, de ser curioso notar que Lebrun ressaltava ser fundamental a *Bildung* desse homem. A “curiosidade” vem do fato de que esse termo se refere a um contexto muito preciso no qual Nietzsche desejava estar inserido. E se não estava era justamente porque historicamente o momento havia praticamente se encerrado por conta dos acontecimentos revolucionários, que, como se sabe, não tem grande importância para Lebrun, não porque aprofundariam a decadência, mas porque são os discursos que contam.

Após estabelecer os seus objetivos e a expor a maneira pela qual sua empreitada seria levada a bom termo por meio do operador teórico, o texto de Lebrun começa propriamente dito a análise das “ideias modernas” a partir do conceito de além-do-homem. Ou melhor, o socialismo passa a ser o alvo a ser analisado. De início, o autor lembra que organização ou gestão das forças não é própria a Nietzsche, ou seja, tanto o grande homem pode gerir as forças capitalizadas pela ascense advinda nos processos civilizatórios, assim como o seu crescimento, como o homem socialista pode gerir o crescimento econômico, o “desenvolvimento das riquezas”, das “forças produtivas”¹². Propõe então que se faça um paralelo entre a

¹¹ *Ibidem*, p.170-3.

¹² *Ibidem*.

“economia nietzschiana da *potência*” e a “economia marxista das *forças produtivas*”. Se ambos têm as mesmas condições de gerir a força, de um lado, os socialistas, contribuem malgrado suas intenções para a desagregação das forças, pois eles colocam o crescimento sob a égide do universal¹³; de outro, o além-do-homem, que se coloca como o “contramovimento” ao socialismo real, bem organizaria as forças.

Tudo aparece ser apenas um problema de gestão intrínseca de forças, pois os alvos a atingir são diversos: para um o progresso e o desenvolvimento econômico são essenciais; para o outro não. Nietzsche caminharia na direção oposta da de Marx. Ao defender a *Bildung* para um extrato cultivado que se considerava prejudicado com a presença das “ideias modernas”, atacava o desenvolvimento econômico na Alemanha. Não é por outra razão que Nietzsche era crítico também do liberalismo. Que Lebrun utilize esta mesma aversão ao operar com o além-do-homem causa estranheza, pois o alvo dele não era o socialismo/liberalismo como em Nietzsche, mas apenas o socialismo. Mais ainda: se Nietzsche falava a partir de certa aristocracia, Lebrun, longe disso, tem como referência o liberalismo. O contexto, no entanto, é o que menos importa para Lebrun, como já se observou; estar fora de contexto não é nenhum problema para ele. O que tem interesse é a proveniência das ideias, pois a partir delas a ideologia e as interpretações ou grades de leitura do mundo se fazem.

A este respeito vale a pena escutar o que Lebrun tem a dizer sobre o lugar da infraestrutura na formação das ideias:

(...) é de pouco interesse notar que também Nietzsche afirmou a dependência das “ideias” frente às condições de existência (...). Porque certamente não é isso o importante; o que importa é o fato de analisar, ele, essa dependência de modo a excluir todo esquema de produção do ideológico por uma “infraestrutura”. Seguindo Nietzsche em sua

13 *Ibidem*, p. 178.

determinação do ideológico, somos levados em primeiro lugar a reexaminar a primazia – inegável, mas metodologicamente perigosa – das infraestruturas; a excluir toda tentação de uma derivação imediata das práticas ou das “ideias”, a partir da *práxis* (...). Nietzsche nunca se cansa de repetir que as ideias religiosas ou metafísicas se enraízam na vida (na fisiologia, na higiene...); mas observaremos que ele nunca dá, a esse enraizamento, a forma de uma derivação ou causação¹⁴.

Não é à toa que Lebrun se detenha neste ponto, que ele tenha como um dos seus alvos a crítica de Marx à ideologia. Se por um lado ele queria combater a ideia de que os pensamentos são determinados pelas condições materiais de existência, pretendia, por outro, fazer desacreditar que estas determinações materiais irão conduzir, como acreditavam os socialistas, a outra civilização, mais justa e livre (civilização aqui, bem entendido, na acepção francesa). Não poupava então aqui o socialismo real, ou melhor, o totalitarismo que se instaurou nos países do leste europeu¹⁵. “Tomo aqui o leitor por testemunha: ele não deixou de ouvir narrativas de viagem de ‘simpatizantes’ que voltam dos países socialistas”¹⁶. Mais ainda: o homem total, que seria total justamente por poder satisfazer todas as necessidades advindas do desenvolvimento do capital, era questionado do ponto de vista cultural.

Esta crítica de Lebrun passa a ser colocada na boca de Nietzsche, quando se refere à “maquinização do ‘homem’” ou, noutros termos, do rebaixamento do ser humano decorrente do progresso econômico¹⁷. Fica aqui subtendido que Lebrun tem outra concepção de progresso e desenvolvimento econômico, embora não seja explicitado. Isto não impede que se observe – contrariamente do

14 *Idem, O avesso da dialética*, p. 165. Utiliza-se aqui uma passagem do *Avesso da dialética*, pois esta questão, também exposta explicitamente no texto “Além-do-homem e homem total”, não está tão esmiuçada.

15 *Idem, Além-do-homem e homem total*, p.174-5-6.

16 *Ibidem*, p.177.

17 *ibidem*, p.179.

que ele afirma - que nas sociedades capitalistas mais bem desenvolvidas se encontre uma cultura (no sentido amplo do termo, ou melhor, no sentido que passou a ter no século XVIII no momento em que foi vinculado ao de civilização) mais refinada. Não impede igualmente que se note a presença desta cultura nos países socialistas, mesmo que em menor grau. Para quem escrevia a partir de uma sociedade, como se chama atualmente, em desenvolvimento como a brasileira, isto deveria ser evidente.

Como se percebe, situar de outro modo a infraestrutura é essencial para Lebrun no seu desmonte do pensamento socialista. Ele afasta numa só penada o que considerava ser um engodo, o que seja, a crença de que a ideologia oculta uma face verdadeira do real (que se aceite, diz Lebrun, que ela engana os homens, “mas sob a condição de se acrescentar que ela os engana segunda os anseios deles – que ela os engana na medida em que sabe confortá-los”¹⁸); e afastava outrossim neste mesmo movimento o que considerava ser o motor revolucionário que iria transformar esta civilização numa outra – o progresso econômico.

Se alguma mudança fosse possível, Lebrun acreditava, esta só poderia ocorrer em termos valorativos. As ideias não seriam moldadas a partir de uma base terrestre, mas a partir do modo pelo qual as são avaliadas: “As ‘ideias’ não são determinadas pelas condições de existência, mas pela modelagem prévia que as avaliações fazem destas”¹⁹. Que assim seja. Fica, no entanto, a questão: estas ideias que recebem avaliações divergentes tem qual procedência? Tal questão se coloca, pois parece que, para Lebrun, as ideias já

18 *Idem, O avesso da dialética – Hegel à luz de Nietzsche*, p.165.

19 *Idem, Além-do-homem e homem total*, p.166. É extremamente interessante ver que essa afirmação se respalda em parte em Lévi-Strauss, quando o autor se remete ao *Pensamento selvagem*. O interesse está em ver como as cartas se embaralham, isto é, em parte uma compreensão da maneira pela qual a filosofia deve ser estudada ou feita está em jogo. A importância de Lebrun neste capítulo não é nada negligenciável, muito pelo contrário, bastando ver as esclarecedoras páginas do artigo “O essencial de uma filosofia é uma estrutura”, de Paulo Arantes, onde Lebrun tem um lugar essencial.

estão dadas, bastando que sejam interpretadas a partir de sistemas de avaliação que não devem ser passíveis de serem avaliados. “Pois, entre as condições materiais e as ‘ideias’, sempre está o mediador interpretativo, ou, se preferirmos, o fato de que ‘com as mesma distribuição de cartas os jogadores diferentes não fazem a mesma partida’ (Lévi-Strauss)”²⁰. Que se insista ainda uma vez: a procedência dessas cartas é que devem ser postas em causa.

Após estas críticas cujo foco girava em torno da infraestrutura, Lebrun, em seu texto, volta a direcionar-se não mais ao marxismo e seus desdobramentos no século XX, e traz Marx novamente para o primeiro plano afirmando que Nietzsche teria sido melhor profeta²¹, pois Marx não teria levado em conta uma perspectiva de longo prazo, ou, como se queira, não teria levado o ser humano a sério. Para na sequência fazer uma *mea culpa* e reestabelecer o alcance, mesmo que imediato, do pensamento de Marx, embora afirmasse que não se devesse esperar da obra marxiana uma “relativização da cultura ocidental ou mesmo uma investigação crítica de seus ideais”²². Noutras palavras, Lebrun, seguindo de perto Nietzsche, dizia que Marx atacava o caráter falso da liberdade tendo como parâmetros a sociedade capitalista e não o valor a partir de uma perspectiva civilizacional. Marx visaria ao aqui e agora - seria um profeta do imediato, do curto prazo; Nietzsche, ao porvir - seria um profeta com um olhar agudo e profundo.

Com isso, ao analisar a desmistificação marxiana, Lebrun acreditava mostrar que Marx teria mantido o “velho ideal” do “universo racionalista-burguês” da liberdade, igualdade etc.²³ Contra esse “velho ideal”, ou seja, contra as “ideias modernas”, o melhor analisador é o além-do-homem. Mas, como já assinalado, a perspectiva de Lebrun - seguindo Nietzsche - é outra. O além-do-homem é um

20 *Ibidem.*

21 *Ibidem.*, p.179.

22 *Ibidem.*, p.180.

23 *Ibidem.*, p.184.

tipo de homem e não de humanidade. A pergunta não é mais por um alvo para a existência, mas um “para que fim?”²⁴. Nesta direção, Lebrun lembrava ainda que, para Nietzsche, na *Gaia ciência*, era o socialismo que se coloca como alvo para a existência, como esperança de futuro. Mais ainda, era o socialismo que acreditava chegar ao apaziguamento da humanidade, embora, como fazia questão de lembrar, o percurso seguido no processo histórico até se chegar nos dias atuais com esta perspectiva de paz tenha exigido, para lembrar apenas o início, uma série de “males”, como a escravidão grega²⁵.

O passo seguinte de Lebrun, talvez o mais importante, era o de fazer com que seu operador teórico lançasse luz sobre os equívocos dos socialistas, que consideram que todos pertencemos a uma espécie genérica, a uma humanidade. Lembrava ainda que entre os socialistas, a libertação sempre estava associada à sua realização dentro da espécie ou do capital e que o além-do-homem teria como “alvo” o homem e não a humanidade. Não é por outra razão que o autor considerava que as “ideias modernas” trabalhavam para domesticar o homem e que o homem total viria atribuir um sentido, abstrato evidentemente, respaldado na noção de homem genérico/humanidade²⁶. Na espécie – Lebrun poderia concluir - se concentraria toda a domesticação, e não no indivíduo; com a espécie a decadência se perpetuaria. Algo diferente ocorreria com o além-do-homem, que, segundo o autor, o “sucesso seria medido pela amplitude do instintivo que o indivíduo seria capaz de dominar por sua conta, sem ser obrigado a reprimi-lo (enquanto *ser genérico*). Nietzsche nomeia além-do-homem o resultado desta formação pedagógica...”²⁷. Por esta razão, o além-do-homem teria se afastado de toda “tradição dissimulada”, expressa pelo socialismo.

24 *Ibidem*, p.187.

25 *Ibidem*, p.189.

26 *Ibidem*, p. 192.

27 *Ibidem*, p.193.

Nisto que foi posto, fica clara a distinção entre domesticação e adestramento. A primeira é o modo de operar perpetrado por aqueles que sucumbiram às “ideias modernas” - os socialistas seriam exemplares neste ponto; o segundo é a maneira pela qual a *Bildung* dos homens raros se concretizaria²⁸. É por esta razão que Lebrun, sempre na esteira de Nietzsche, considerava que subverter a ordem atual como os socialistas desejavam em nada mudaria; mais ainda, se recairia no mesmo estado decadencial. Que se observe entre parêntese que, em certos pontos, extrema direita e extrema esquerda se aproximam. Em relação a este último ponto, o marxismo seria rifado por ambas. Feche-se o parêntese.

A saída desta situação exigiria o redirecionamento da humanidade para uma nova civilização. E como fazer isto? Neste ponto, Lebrun promovia um incrível paralelo entre a crença marxista de que o desenvolvimento do capitalismo levaria às situações ideais para a chegada do socialismo e a crença nietzschiana de que o socialismo levaria a uma situação extrema – com um excesso de forças mal direcionadas – que contribuiria para, neste ponto limite, o surgimento de uma nova civilização. A gestação das forças excedentes estariam aqui sob a égide do novo homem e não da humanidade²⁹.

Em suma, desmonte estruturado do socialismo, aqui representado pelas “ideias modernas”, com a utilização de uma ferramenta, no caso, o operador teórico além-do-homem, muito bem manipulado. Tarefa realizada com perfeição técnica e com máxima habilidade, haja vista Lebrun manipular com maestria a História da filosofia. Mais ainda: trabalho sem viés ideológico, como ele próprio insistia em dizer, salvo se, como já se assinalou, o método for devidamente atrelado, ou melhor, caracterizado, como uma das faces de uma “ideologia” conservadora. Desta perspectiva, em plena consonância e plenamente justificado com a sua leitura de

28 Cf. *Ibidem*, nota 53, p.193.

29 “Vê-se que a utopia aparente transforma-se em enigma para quem quiser adivinhar qual era o ideal de Nietzsche” (*ibidem*, p.196).

Kant³⁰ da maneira como compreender e trabalhar a filosofia que havia se instalado no Brasil, o Nietzsche lebruniano poderia fugir de qualquer doutrinação, ou ainda, poderia ser alçado como “o nosso segundo Aristóteles”³¹. Tudo isso se a desvelamento de seu procedimento não o colocasse no devido lugar, isto é, como mais uma estratégia conservadora de suas posições políticas brilhantemente escamoteadas.

Eis, pois, a face deste Nietzsche lebruniano – uma máquina de triturar doutrinas - neste capítulo da recepção de seu pensamento entre nós, que, aliás, não diferiria, se a sua filosofia recebesse um tratamento dogmático (pensa-se aqui em Goldschmidt) da forma consagrada de se trabalhar a História da filosofia no Brasil. Ressalte-se que, dado o tamanho da ousadia, esse Nietzsche lebruniano não fez muita escola. Certamente não por falta de Lebrun, mas por falta de fôlego dos seus simpatizantes.

Abstract: This article aims at examining the reception of Lebrun's interpretation of Nietzsche's thought in Brazil. For a first approach, we will analyze the text “Overman and whole man”.

Keywords: Nietzsche – reception - overman – socialism – Lebrun

referências bibliográficas

1. ARANTES, P. Ideias ao léu. Uma digressão a propósito de “O avesso da dialética”. In: *Novos estudos CEBRAP*, no. 25, 1989, p. 61-74
2. _____. O essencial de uma filosofia é uma certa estrutura. In: *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994, p.111-135.
3. _____. Tentativa de identificação da ideologia francesa. In: *Novos Estudos*, n.28, São Paulo, CEBRAP, 1990, p. 74-98.

30 Cf. ARANTES, P. O essencial de uma filosofia é uma certa estrutura. In: *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994, p.111-135.

31 LEBRUN, G. Por que ler Nietzsche, hoje? In: *Passeios ao léu*, p.40.

4. LEBRUN, G. Surhomme et homme total. In: *Manuscrito*, v. II, n.1, p.31-58.
5. _____. Além-do-homem e homem total. Trad. Maria Lúcia M. O. Cacciola. In: *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
6. _____. Por que ler Nietzsche, hoje? In: *Passeios ao léu*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 32-40.
7. _____. *O avesso da dialética. Hegel à luz de Nietzsche*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p.169-198.
8. _____. Quem era Dionísio. Trad. Maria Helösa Noronha Barros. In: *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosacnaify, 2006, p.355-378.
9. MARTON, S. Nietzsche e a cena brasileira. In: *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/Ed. da Unijuí, 2001, p. 253-260.
- 10, _____. A terceira margem da interpretação. In: *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*, p.213-251.
11. _____. Nietzsche in Brasilien. In: *Nietzsche-Studien*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000, v. 29, p.369-376.
12. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlin/München: Walter de Gruyter/dtv, 1988, 15v.

Artigo recebido em 20/12/2011.

Artigo aceito para a publicação em 05/02/2012.